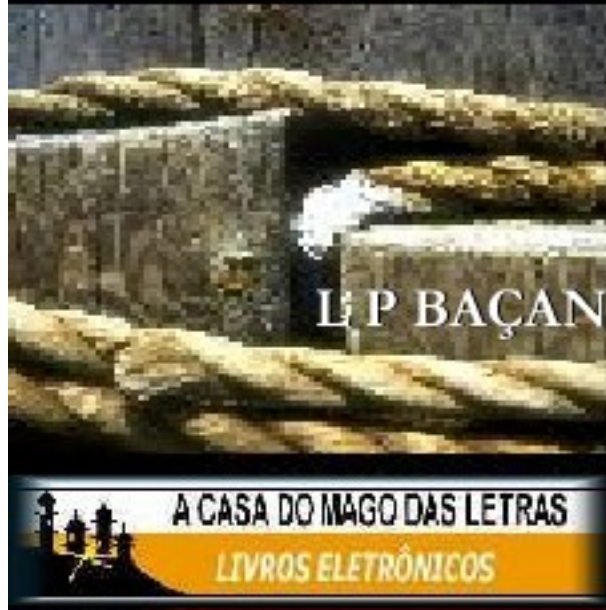


# A ILHA DO MEDO



## A CASA DO MAGO DAS LETRAS LIVROS ELETRÔNICOS



[www.lpbaçan.net](http://www.lpbaçan.net)  
[www.portalcen.org](http://www.portalcen.org)  
[www.viladasartes.org](http://www.viladasartes.org)  
[www.avllb.org](http://www.avllb.org)  
[www.perolaparana.net](http://www.perolaparana.net)

**Direitos exclusivos para língua portuguesa:**

**Copyright © 2007 L P Baçan**

**Pérola - PR - Brasil**

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

# A ILHA DO MEDO



São diversas as hipóteses para justificar os fenômenos que, ao longo da história, vêm se registrando numa determinada área do Oceano Atlântico, compreendida no triângulo cujos vértices são o Mar de Sargaço, Porto Rico e a cidade de Miami, nos Estados Unidos.

Convencionou-se chamar essa área de Triângulo das Bermudas e insólitos acontecimentos foram sendo colecionados ali, desde o desaparecimento de dezenas de embarcações, até aviões e relatos da aparição de discos voadores.

Alguns afirmam que ali se situa a antiga Atlântida. Outros acreditam que o Triângulo é um estranho, fantástico e formidável portal para outras dimensões ou uma base de extraterrestres.

Fenômenos estranhos e inexplicáveis já foram registrados ali. Bússolas ficam enlouquecidas, ocorrem distorções magnéticas e temporais, problemas com radio-transmissões e alteração na coloração das águas.

Outros, pura e simplesmente, preferem uma explicação mais aterradora. Ali, naquele ponto, o anjo Caído fez sua morada e sua base, de onde arrebanha almas para arderem nas chamas eternas do inferno.

Ali, envoltos por misteriosos e inesperados nevoeiros, criaturas das trevas, feitas com partes de homens e animais, vagam pelos sargaços à procura de vítimas para alimentar a fome insaciável de seu amo.

Mistérios ou fantasias, o Triângulo das Bermudas ou Triângulo do Diabo guarda segredos ainda inexplicados.



O navio avançava solenemente pela noite, naquela que seria a última etapa da viagem. Havia percorrido os portos da América Central, depois Mar das Caraíbas e Porto Rico, passando ao largo das Bahamas para rumar para o porto de Nova Iorque.

Atravessava, naquele momento, o ponto central da área conhecida mundialmente como o Triângulo das Bermudas. De repente, um abalo violento e o barulho infernal de uma grande explosão, pondo todos em alerta, despertando o pânico e iniciando a movimentação de pessoas atônitas pelos corredores e convés.

Gritos misturaram-se aos apitos de alarme. A multidão recém-desperta teve consciência da tragédia e se alvoroçou, tentando saber o que acontecera.

Os alto-falantes deixaram de transmitir música suave e passaram a irradiar mensagens de comando e explicações. Uma caldeira do navio havia explodido misteriosamente, provocando um incêndio na casa das máquinas. Um rombo fora aberto no casco. O navio corria o risco de afundar-se.

Por precaução e escondendo o real perigo que corria a embarcação, informavam que, por medida de segurança, todo deveria se concentrar nas proximidades do barco salva-vidas previamente designado e cuja localização constava do colete flutuante que cada um recebera ao embarcar.

— Sem pânico e devagar, pessoal. Há botes suficientes para todos, desde que sigam as instruções e não se desesperem. Isto é apenas por precaução, caso haja necessidade de evacuar o navio. Façam como nos treinamentos simulados e tudo sairá bem. Dirijam-se aos botes que ocuparam nos treinamentos e obedeçam as ordens da tribulação. Com calma, sem pressa, por favor! — repetia sem cessar o alto-falante.

Henry Gatsby apanhou sua mochila de emergência, contendo o essencial e absolutamente necessário, depois deixou calmamente seu camarote.

Deu-se até o luxo de parar para acender um cigarro, enquanto as pessoas passavam apressadas, esbarrando nele. Dirigiu-se ao seu bote salva-vidas como se estivesse num passeio. Tranqüilamente aguardou pela chegada dos outros membros.

Peter, um oficial do navio, ainda bem jovem, surgiu, muito nervoso, pulando rapidamente

para dentro do barco, demonstrando muito medo.

— E os outros? — indagou.

— Deverão chegar logo. Acalme-se, por favor! Você nem parece um oficial. A situação não é tão desesperadora, você ouviu o alto-falante, não? — comentou Henry.

— O alto-falante não está dizendo a verdade. O capitão tem certeza de que o navio vai afundar em pouco tempo. Só não deixou transmitir isso para não tumultuar evacuação. Este navio está condenado e deve ir ao fundo muito mais depressa do que você imagina — informou nervosamente Peter.

A apreensão estampou-se no rosto de Henry. Aquela informação mudava tudo e mexia, inclusive, com sua calma aparente diante da tragédia. Inquietou-se.

— Onde estão os outros? Que diabos! Por que não se apressam? — indagou, deixando-se contagiar pelo nervosismo do oficial.

— São aquelas duas mulheres e o casal de velhos. Já deviam estar aqui — falou Peter, com as mãos nas alavancas que fariam o bote descer até o mar escuro e sinistro.

— Sabe em que ponto da viagem estamos agora? — quis saber Henry.

Está informação seria crucial para se orientarem após o naufrágio.

— Não, nem tenho idéia. Era minha hora de folga. Dormi um pouco e acordei com a explosão. Que horas são?

— Passa um pouco da meia-noite. Não pode tomar isso como parâmetro, considerando as viagens anteriores?

— Só posso dizer que estamos agora ao largo das Bahamas, em algum ponto do Triângulo do Diabo...

A menção daquele nome foi suficiente para intranqüilizar ainda mais Henry.

— Deve haver um mapa e alguma forma de se orientar por aqui, não? — quis ele saber.

— Sim, temos tudo que precisamos aqui no barco, não preocupe. A questão crucial agora é o tempo. O navio está começando a adernar. A princípio será lento, depois, de uma hora para outra, ele emborcará e irá ao fundo. Se não sairmos a tempo, seremos levados pelo

deslocamento de água que ele produzirá ao se afundar — alertou Peter.

— Diabos! — impacientou-se Henry, no momento em que duas jovens, visivelmente apavorados, destacaram-se das pessoas que passavam, avançando para o barco.

Uma era loura, olhos azuis muito grandes e uma figura esguia e elegante. A outra era morena, de olhos negros e profundos, muito bonita de rosto e de corpo.

Traziam ambas duas malas enormes cada uma, arrastando-as com dificuldade.

— É impossível levar tudo isso — avisou Peter. — Deveriam ter separado apenas o essencial.

— Somos responsáveis por estas roupas. Somos manequins, sabia? São peças de uma coleção de desfile... — tentou explicar uma delas.

— Poderiam ser as jóias da Coroa que eu não me importo. O momento é de salvar vidas e não malas, não importa o que contenham. Joguem-nas ao mar — ordenou ele.

As duas garotas se entreolharam indecisas, agarrando com mais firmeza as alças das malas, como se o seu conteúdo fosse realmente mais importante que a própria vida delas.

— Façam como ele disse — insistiu Henry e, diante da imobilidade das garotas, tratou ele mesmo de arremessar as pesadas malas no mar.

As duas garotas ficaram olhando, atônitas, as malas que se afundavam rapidamente.

— Vamos, entrem logo! — ordenou Peter, despertando-as. — Falta o casal de velhos, maldição. O navio continua adernado. Não nos resta muito tempo. Se não nos afastarmos logo, iremos ao fundo com ele.

— Então vamos embora, diabos! — gritou Henry, controlando-se para não se deixar levar pelo pânico.

A agitação das pessoas era intensa. Alguns barcos já haviam sido lançados e se afastavam velozmente. Pequenas explosões abalaram toda a imensa estrutura.

— É isso mesmo, vamos embora! — decidiu — Percebendo que em breve não haveria mais tempo para escapar.

— Não podem fazer isso. Temos de esperar os velhos — disse a garota morena, em

desespero.

— Se não nos afastarmos, morreremos todos — alertou o oficial, manobrando as alavancas e fazendo o barco baixar até o mar.

Ligou o motor. Uma jovem, metida apenas numa camisola transparente, atirou-se no mar e emergiu, junto ao barco, agarrando-se à borda dele.

— Levem-me com vocês, por favor! — suplicou ela, em pânico. — Não consegui achar meu barco... Por favor!

Os homens se entreolharam. As garotas olharam, para os dois com um súplica muda nos olhos.

— Puxe-a para cima — ordenou Peter a Henry.

Este se debruçou na amurada do barco e puxou a garota para cima. Ela tremia de frio, medo e nervosismo, à beira da histeria. Ele tirou o casaco que vestia, pondo-o nos ombros dela e fazendo-a se sentar.

Peter acelerou ao máximo o bote salva-vidas, rasgando a escuridão, olhando atentamente a sua frente, temendo topar com um outro barco pela frente, o que seria mais uma tragédia.

— Há cobertores naquela caixa maior — falou ele, mas sua voz foi abafada pela violenta explosão que partiu o navio ao meio e fez levantar uma bola de fogo que iluminou todo o cenário do desespero e desolação daquela parte do oceano.

Um onda forte agitou o barco, obrigando Peter a utilizar toda a sua perícia. O nervosismo havia passado. Ele recobrou a confiança e a segurança para assumir o posto de comandante do barco agora.

— Saímos bem a tempo — comentou Henry, com um suspiro de alívio.

— Oh, meu Deus! Que tragédia! — soluçou baixinho uma das garotas. — Ainda havia gente lá dentro...

— Acalme-se! — pediu Henry. — Agora está tudo bem. Estamos salvos. Felizmente está é uma região movimentada, em breve chegarão os navios para nos socorrer.

— Oh, Deus! Vamos morrer todos! — exclamou a garota que ele havia retirado do mar.

Ele se sentou ao lado dela. A luz das estrelas tornava agora o oceano um estranho espelho. A garota tremia ainda, com os cabelos molhados e escorridos.

Ele estendeu a mão, abrindo a caixa apontada antes por Peter, retirando dali um cobertor. Embrulhou a garota, massageando-a rapidamente.

— Sente-se melhor agora? — indagou ele.

— Sim, obrigada! — falou ela, com voz trêmula.

— Já estive em situações assim antes — disse ele. — Tudo sempre acaba bem, pode acreditar em mim. Em pouco tempo teremos diversos barcos de socorro na região. Daqui a algumas horas estaremos rindo de tudo isso.

Ela pareceu se tranquilizar. No leme, controlando o motor, Peter olhava ao redor e estranhava não ver nenhum dos outros barcos salva-vidas.

Havia apanhado a bússola e tentado se localizar com ela, mas tudo estava muito estranho. Pelas estrelas no céu, e isso ele conhecia muito bem, o norte ficava numa posição diferente daquela apontada pela bússola.

Ela viu, então, ao longe, um navio, possivelmente acorrendo em socorro. Só que se encaminhava para um rumo totalmente diferente daquele onde ocorrera o naufrágio.

Inquietou-se. Havia alguma coisa estranha e indefinida no ar que ele não conseguia entender.

— Desculpem-me vocês todos — disse a garota que fora tirada do mar. — Eu estava muito nervosa. Fiquei em pânico, quando não achei meu barco salva-vidas... Acho que eles partiram sem mim...

— Está tudo bem agora, não vai precisar se preocupar mais — falou Henry. — Vejam, naquela direção. É um navio. Eles já estão começando a chegar.

As garotas olharam e, após se certificarem de que era verdade, começaram a aplaudir e a gritar de alívio e felicidade.

Henry nada disse. Seus olhos estavam fixos a sua frente, naquele oceano que lhe parecia instável e estranho. O navio que Henry e as garotas observavam passava ao largo, rumando para o lado oposto ao acidente.

— Logo estaremos salvos — comentou Henry. — Como é seu nome? — indagou à garota

ao seu lado.

— Sue Clay Jones.

— É um bonito nome, um tanto incomum. Aliás, esse nome não me é estranho...

— Pelo contrário, acho que nunca ouviu falar nele — cortou-o ela, secamente.

Henry deu de ombros, achando-a tremendamente grosseira. Peter continuava sem conseguir se orientar. Havia acendido uma lanterna e olhava aquela Bússola, sem compreendê-la. Desligou o motor.

— O que houve? — quis saber Henry.

— Estou tentando me localizar, só isso — respondeu ele, examinando a bússola, o céu e o mapa.

— Vejam, o navio de socorro sumiu! — observou a garota loura.

— Que diabos! — exclamou Henry.

— Para onde ele foi? — questionou a morena.

— Sumiu! — falou Henry, sem compreender.

— Naquela caixa há um sinalizador que transmite sinais via satélite. apanhou-o, Henry. É só pressionar o botão vermelho para ligá-lo. Vamos precisar disso. Acho que há um nevoeiro vindo em nossa direção.

— Diabos! — praguejou Henry. — Mais essa agora?

— Não se preocupem. O transmissor dará nossa localização ao satélite que orientará o serviço de buscas. Mesmo no pior dos nevoeiros, eles nos encontrarão — falou ele, julgando que estivesse ficando maluco ou, então, o mapa e a bússola que tinha nas mãos estavam todos do avesso.

Nada ali combinava com o que via no céu.

— Hei, não há nada nesta caixa — gritou Henry.

— Como não? Tem que haver um transmissor e outros materiais aí — discordou Peter,



indo conferir.

— Pois veja você mesmo — falou Henry, afastando-se para o outro olhar.

— Mas tem que estar aqui — insistiu o oficial, vasculhando a caixa com sofreguidão.

Aquele transmissor era a única garantia de que poderiam ser encontrados.

— Vocês repararam numa coisa? — falou a lourinha.

— O que foi? — respondeu-lhe Henry.

— Cadê os outros barcos salva-vidas?

Um silêncio pesado e mortal caiu sobre eles. Seus olhos vasculharam os arredores. Estavam sozinhos na solidão desolada do oceano.

— O que houve, oficial? — perguntou-lhe Henry.

— É o que estou tentando entender. Ou salvamos só nós e o resto afundou ou tomaram um rumo diferente do nosso... — tentou explicar Peter.

— Mas não navegamos tão rápido assim...

— Onde estamos, afinal? — perguntou Sue.

— É o que estou tentando descobrir, mas parece que o mapa e a bússola estão errados. Para ser sincero, parece que estamos perdidos em algum lugar do oceano, sem saber nossa localização nem para onde ir.

Os outros concentraram seus olhares no piloto do barco, sem compreender o que ele dizia.

— Mas... O mapa, a bússola... — tentou argumentar Henry.

— Venha até aqui — pediu-lhe o oficial. — Olhe aquela estrela. Conhece-a?

— Sim, nos meus tempos de escoteiro ela sempre apontava o norte e a gente se guiava por ela...

— Então observe a bússola agora? — ordenou, iluminando-a com a lanterna.

O objeto apontava o norte, mas numa direção totalmente oposta à estrela tomada como guia.

— Percebeu?

— A bússola está com defeito... Só pode ser isso.

— Vejam! — apontou uma das garotas.

Denso como um bloco de gelo, o nevoeiro se aproximava rapidamente. Estranhas ondas agitavam o barco, como se o vento soprasse. A calmaria se abateu sobre eles, enquanto o nevoeiro avançava, fazendo a embarcação oscilar estranhamente, como se estivesse sendo empurrada para dentro da névoa.

— Para onde estamos indo? — indagou Henry.

— É o que eu gostaria de saber. Apanhem lanternas e cobertores, pessoal. E amarrem bem seus coletes flutuantes — ordenou ele.

O barco avançou para o interior do nevoeiro, que os envolveu como se os isolasse do mundo. O céu e o oceano foram encobertos. Mal se via a um palmo adiante dos olhos.

Todos se calaram. As duas garotas se encostaram uma à outra, agarradas aos seus cobertores. Sue Clay acomodou-se em seu lugar, apertando o cobertor contra o corpo. Ainda sentia frio, com a camisola molhada sobre a pele.

Henry ajeitou-se perto dela e tentou cochilar. Estava apreensivo e julgava que o mesmo acontecia com todos, só que nada havia que pudesse fazer naquele momento, a não ser tentar se controlar e manter a calma.

O nevoeiro se tornou cada vez mais denso. Peter mantinha a mão firme no leme, atento a qualquer ruído que pudesse indicar a aproximação de uma outra embarcação ou ondas arrebatando em alguma praia.

De vez em quando, acendia a lanterna e fazia sinais, como forma de precaução, embora o silêncio em redor fosse total, exceto pelas ondas que batiam suavemente no casco.

Sentia que o barco estava se movendo lenta e constantemente para dentro daquele nevoeiro, mas não conseguia determinar que rumo tomavam.

O tempo foi passando e o cansaço começou a dominá-lo também. ele se acomodou e foi vencido pelo cansaço.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

